



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**PSICANÁLISE E LITERATURA:
UMA INTERSEÇÃO DA LINGUAGEM**

SANDRA AFONSO PIMENTEL GUIMARÃES

BRASÍLIA
JULHO/2012

SANDRA AFONSO PIMENTEL GUIMARÃES

**PSICANÁLISE E LITERATURA:
UMA INTERSEÇÃO DA LINGUAGEM**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, tendo como orientadora a Professora Dra. Marcella M. Laureano Prottis.

BRASÍLIA

JULHO/2012



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Msc.

Msc.

Msc.

A Menção Final obtida foi:

BRASÍLIA, JULHO/2012

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos meus alunos que promovem meu constante estudo, aos colegas de curso que motivam o terceiro turno diário de trabalho e dedicação, ao suporte emocional e doméstico do meu marido, Geraldo, em prol do meu investimento acadêmico, pelos meus pais, Reinaldo e Zemir, que são eternos incentivadores e convencidos do meu potencial, a minha orientadora, Marcella, por me inspirar através da sua tese de doutorado e ser uma competente professora e psicanalista e pelos meus filhos, Júlia e Artur, que são fonte de alegria, razão e aprimoramento constante... OBRIGADA!



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A PSICANÁLISE NA LINGUAGEM	11
A língua estruturada de Saussure	13
A linguagem na psicanálise.....	17
Metáfora e Metonímia.....	19
A metáfora e a metonímia lacanianas.....	22
Os Sintomas metáfora e metonímia	23
A LITERATURA E A PSICANÁLISE	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	38
NOTAS:	39
REFERÊNCIAS:.....	40
ANEXOS.....	42

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar um tema que tem sido alvo de interesse particular desde o ingresso na academia de Psicologia até a percepção de um atravessamento psicanalítico em obras literárias. Trata-se do encontro da psicanálise com a linguagem através de autores literários. Sabemos que Freud era um leitor instigado em Shakespeare, mas também em mitologia grega e afins, mas foi Lacan quem aproximou a Psicanálise da Linguística de Saussure com a intersecção de Jakobson. Ao promover um retorno a Freud, Lacan construiu as bases deste encontro ao ressaltar a importância da linguagem para a constituição do campo psicanalítico como resultado da descoberta do inconsciente por Freud, inclusive em James Joyce. As bases desta aproximação encontram-se ilustrados também em obras clássicas brasileiras como as de Machado de Assis com suas temáticas realistas e psicologizantes.

Palavras chaves: Psicanálise, linguagem, inconsciente, literatura.

INTRODUÇÃO

A Linguagem

A linguagem sempre foi um objeto de fascinação para o homem: do mundo das ideias de Platão até a Psicanálise de Lacan, passando pelos humanistas na Renascença. A busca do verbo oracular fez o filósofo, o teólogo, o médico e o psicólogo, assim como Narciso buscarem no “espelho” das palavras a verdade que lhes escapa e que os fundamenta. E o Verbo é “a verdade e a vida”, “se fez carne”- o Cristianismo e a mística encarnada no verbo participaram com primazia da sua idealização. A linguística moderna é um referente e a linguagem modelo de todas as coisas, aquilo que envolve o Ser em toda a sua plenitude, como diria Heidegger* (1946-1947): a linguagem é a casa do ser. Isto é, o Ser está na linguagem e vice-versa. Tudo o que o homem diz, faz ou pensa a presentifica. Toda a produção cultural humana relaciona-se a ela, e até a coisifica.

A linguagem é um fenômeno simbólico fundamental à vida e tão relacionado com o inconsciente – revelação fenomenal de Freud, que não cabe unicamente ao poeta salvaguardá-la, mas a todo o universo de falantes existente. Mas como se dá a linguagem na concepção linguística e psicanalítica? O que é a palavra no processo terapêutico? Que força curativa há por trás dos significantes? “O inconsciente é estruturado como linguagem” (Lacan), como isso se dá? É possível identificar atributos e valores de uma pessoa a partir das suas escolhas discursivas? Como a psicanálise se configura na literatura, a partir de seus autores?

O propósito deste trabalho é analisar a relação linguagem/ psicanálise e suas nuances sem, contudo, pretender encerrar o assunto, apresentando a natureza dinâmica e viva por que passam os campos da linguística e do inconsciente.

Para tanto, o trabalho é dividido entre a teoria que fundamenta esse estudo e a sua aplicabilidade na literatura, de modo a estabelecer um estudo psicanalítico nas obras de autores brasileiros, a partir de alguns outros consagrados clássicos da literatura. Assim, no capítulo 1 abordaremos os recursos expressivos da linguagem à luz de Psicanálise e no capítulo 2 serão apresentadas algumas apreciações psicanalíticas vinculadas aos conceitos trabalhados ao longo do estudo.

A linguagem humana é o termo *entre* o eu e o outro. Entre o sujeito que fala e aquele que escuta há uma barreira que precisa ser transposta, e essa barreira é a linguagem. Mesmo no silêncio, a muralha é erguida, pois este evento subentende a descontinuidade em relação à realidade, ao mesmo tempo em que dota o mundo de sentido e significação. À medida que a

palavra é dita faz existir, à medida que a palavra é dita faz acontecer. A linguagem precipitou o ritmo do desenvolvimento do conhecimento, sabe-se que o Universo significou muito, bem antes de saber o que significava. Há muito que se surpreender com esse dualismo.

De acordo com Longo (2006), ao fazer uso da linguagem faz-se uso do simbólico que é marcado pelo descontínuo, mas o conhecimento é marcado pela continuidade, daí a ambiguidade. Na história do espírito humano, o simbolismo e o conhecimento expressam uma oposição fundamental.

O conhecimento é um processo intelectual que permite identificar, pela relação dos fatos uns com os outros, certos aspectos da significação e acontece lentamente. A linguagem não é geradora de significados definitivos. O sujeito que produz não é mestre, mas um efeito da linguagem, um precipitado na ordem do discurso. Para Jacques Lacan, “enquanto é linguagem humana, nunca há univocidade do símbolo... a linguagem não é feita para designar coisas... há um logro estrutural da linguagem humana, neste logro está fundada a verificação de toda a verdade”.

Já para a constituição do pensamento, Dufour (2000) resgata a contribuição de Peirce para a fundamentação da relação entre modos: unário, binário e ternário. Esses modos constituem uma categorização da atividade espontânea e dos processos mentais do homem na língua. Na constituição das línguas tidas como naturais (português, francês, inglês), por exemplo, há um processo ternário que sempre envolve três elementos: EU (o sujeito que fala), TU (seu ouvinte) e ELE (o assunto de que se fala), o último como a própria simbolização, inerente à existência da linguagem; a simbolização está no lugar de uma ausência, da falta que também é do sujeito que fala, segundo Lacan. Nesta ordem ternária está inclusa a socialização que constituída pela comunidade de falantes representa o “rombo” da linguagem, a ausência.

Analogamente a ordem unária é a ordem do inconsciente que nada pode contrariar, tal como descrito por Freud. É tautológico, sem diferenças entre sim e não, certo e errado; o inconsciente preserva o termo que exclui, é auto-referencial e se torna presente no consciente por atos falhos, chistes, sonhos e sintomas. Como o inconsciente não é organizado com alteridade falta-lhe causa e efeito, surge a falta de senso e por este motivo, seus temas sempre se repetem. A ordem do unário é a ordem do paradoxo, a lógica do não-saber, mas se configurará sobremaneira nas artes, na lógica da multiplicidade, do *e*, conjunção aditiva inclusiva, do ser e não ser simultaneamente, o campo simbólico inconsciente.

A lógica binária já usa a conjunção alternativa e é excludente, evitando o excesso, a desordem, a falta de causalidade e o movimento. É a própria existência, ser *ou* não ser, o que

impossibilita a contradição. A ciência ao mistificar a realidade como organizada, mantém esta dinâmica. O campo do imaginário, da imagem que aparentemente adequa à realidade, funciona como os computadores, binariamente.

De modo distinto, observa-se que a inteligência, na procura por fugir do caótico, impõe a ordem binária e, como uma instância do consciente, vive “atenta” a fazer conexões, analogias, juízos e, se preciso for, inventará falsas relações com o intuito de provocar mais conforto. O pensamento não, pois é uma faculdade que quando provocada, simplesmente acontece. Surge do caos, do estranhamento, do desconforto e deve recusar a organização da inteligência.

O pensamento e a linguagem são distintos e é na mediação simbólica da linguagem que o homem, como já foi falado, encontra alguma significação e base para um remodelamento do sentido da realidade rica de excessos que o fazem sofrer, mas que dá corpo às suas fantasias, sonhos e medos, aproximando-o do seu próprio conhecimento.

Cabe, contudo, antes de entrarmos no cerne deste estudo, lembrar que o homem é geneticamente predisposto à aquisição da linguagem (para a simbolização) e para o aprendizado de uma língua, que se dá sem nenhum método especial, visto que todos ao redor usam-na. Esta língua materna (i.e., a primeira língua que se aprende) não é constituída de ordem, organização ou grau de complexidade; há mudança de ritmo, interrupções, quebra de assunto, não importa, será aprendida mesmo assim, independente do fator de inteligência do sujeito. Basta estar exposto à língua e esta será aprendida. As crianças surdas, por serem simbólicas, comunicam-se por meio de outros sistemas, mas poderiam, caso fosse de seus interesses, produzir sons, aprender a linguagem verbal e se comunicar com aqueles que desconhecem a linguagem dos sinais.

Cada língua é um universo diferente e compreende uma forma específica de nomear e organizar o mundo. Ao deparar-se com uma nova língua, confronta-se com um universo cultural, social e individual. A palavra “azul”, por exemplo, em português denota alegria, sensação positiva; já no inglês, “blue” é associado à tristeza, como o próprio ritmo afro-americano: *blues*, cujas letras relatam lamento e dor. A língua é muito mais do que apresenta, não é só um instrumento de comunicação. Aprender uma língua significa conhecer o campo das significações do indivíduo e como isso reflete nele (psicanálise), bem como a organização de uma comunidade linguística (sociolinguística).

A linguagem é resultado de uma simbolização humana e como tal representa alguma coisa ausente. Algo é “posto” no lugar daquilo que é e não está lá.

Ao contrário dos animais a programação mental do humano é formada pela incompletude, ou seja, não é binária como é a dos primeiros. O sistema de comunicação do homem é aberto, múltiplo, comporta falhas e, por isso é ambígua, com flutuações contínuas nos sentidos das palavras – equívocos, deslizos de sentido, lapsos de língua, chistes e jogos de palavras. A definição para a nossa linguagem é que é inatingível, falta-lhe verdade, por esse motivo aquilo que se revela pela palavra também oculta, omite pela sua própria opacidade.

Desta diferença entre homens e animais, a aquisição da linguagem, extraem-se algumas hipóteses já da própria origem, segundo Darwin. Da mutação genética do primata mais avançado para o *Homo sapiens sapiens* surge essa “falta”, essa “falha” na programação mental, que promove a urgência de simbolizar, inventar, criar, construir e desconstruir, poluir e despoluir, solucionar e criar mais problemas, e nunca nos satisfazemos, nunca paramos de desejar. O que nos falta nos impulsiona, nos move. “Ser homem é ser insatisfeito”, disse o poeta português Fernando Pessoa, é lembrar que toda a tentativa de utilizar um símbolo ao que falta, se preencherá em vão, por conta de toda a precariedade que o envolve. Daí nasce todo o desconforto, toda dúvida e o nosso “mal-estar na civilização”.

Capítulo 1

A PSICANÁLISE NA LINGUAGEM

A falta é inerente à estrutura da linguagem e, como dito, jamais será resgatada, completada ou refeita. Para a psicanálise, podemos apenas percorrer o sentido que jamais será atingido completamente, pois falta a inscrição sexual que Freud chamou de *Das Ding*, “a coisa”, pois não é passível de ser nomeada, como consta no “Projeto de uma psicologia” (Freud, [1895] 1995). Qualquer coisa que se espelhe na falta jamais poderá ser considerada a coisa, justamente porque nunca existiu. Se houvesse a relação precisa entre um significante e outro, poderia acontecer a substituição e o circuito se fecharia, mas o significante entra e não cobre o sentido completamente, ainda algo escapa. Esse algo é o objeto a^1 , o objeto que taparia a nossa falha estrutural e, como objeto de pulsão, daria o gozo absoluto. Por isso, o objeto a , quando da emergência do sujeito entre S1 e S2, sobra. Ele é um resto.

No campo do Outro², há também uma falta: a alteridade. É justamente essa falta de significante no campo do Outro que impede a sutura do sujeito. Se não fosse assim, o Outro seria totalmente cognoscível, conhecido.

Com a ênfase posta sobre o objeto perdido do desejo enquanto Coisa, *Das Ding*, e a nomeação do objeto que é a causa do desejo como objeto a , uma importante distinção veio a ser introduzida por Lacan no que diz respeito à possibilidade de diferenciar o objeto perdido da espécie humana e o objeto perdido da história de cada sujeito.

O *sujeito* implicado em um discurso inconsciente passa a sofrer a ação da cadeia de significantes mediante uma estrutura languageira. Daí nasce o primeiro encontro com o desejo: “o desejo do *Outro*”, pois a ele está atrelado o seu próprio desejo. A partir deste ponto constitui-se uma condição que o próprio Freud chamou de “experiência traumática”. Neste momento o *sujeito* deverá construir, inventar, produzir um sentido, em seu mundo de linguagem, para organizar, suportar esse “trauma” de ter nascido desejado (remetendo-nos ao conceito de “resposta antecipada” de Lacan – resposta que nasce anterior à pergunta.)

Sabendo então que o sujeito do inconsciente, constituído entre significantes, S1 e S2, e que nenhum deles dá conta de representá-lo totalmente, aparece barrado (\$) de acordo com

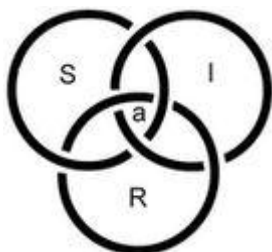
¹ Objeto a é um termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável, uma “falha - a - ser”.

² “lugar do Outro” – Após 1949, em contato com o estruturalismo de Lévi-Strauss, Lacan teoriza sua noção de simbólico e o sujeito é determinado por uma ordem simbólica assim designada

Lacan - *Seminário 4, A relação de objeto* (1956-1957). Falta no campo do Outro um significante do qual o sujeito do inconsciente depende para se constituir como tal. Cabe então abrir mão de um artifício para que possa ser: tornar-se objeto de desejo que se manifesta no Outro, posição precípua de sua fantasia.

Como o objeto absoluto falta e o desejo é indestrutível, segundo Freud, há algo que o represente, o objeto *a*, que como dito antes é o objeto da pulsão, indiferente, pela falta central que acontece entre o sujeito e o Outro, provocando uma multiplicidade de objetos pulsionais. O objeto *a* será a defasagem entre o desejo do sujeito e os objetos que este mesmo sujeito detém. Quando houve a separação da mãe pela Lei do Pai o sujeito também se separou desse objeto, para se constituir como sujeito. Surgindo então no lugar da falta central que constitui o desejo e é pura perda.

Aqui entra o nó borromeano, inspiração que Lacan teve em um jantar com a família Borromeu ao se deparar com a imagem de três círculos que formavam uma só tríplice aliança nas armas de uma dinastia milanesa, cada um dos três círculos do nó borromeano representa uma das instâncias que compõe o aparelho psíquico: 1) o simbólico, a combinatória sem substância que organiza os significantes; 2) o imaginário, a dimensão do que se vê ou que se pensa que se vê dos objetos; e 3) o real, aquilo que, por escapar à possibilidade de recobrimento total pelos significantes, permanece na zona do inominável.



Preenchida pela ausência, o objeto *a* viria a suturar o furo do real. Participa das possibilidades de configurações imaginárias, funciona simbolicamente como elemento substituto e porta o real por ser incapturável. Começou, portanto, a privilegiar o que vai para além da lógica, além do simbólico, o objeto *a*. Nesta fase, Lacan percebeu que algo insiste para além da linguagem, que não responde para a decifração. - (Lacan, 2005 Seminário 10)

O objeto *a*, assim como o real pode ser considerado o furo na tela na fantasia por onde escapa, como a própria ruptura entre o sujeito e o objeto. Tal ruptura representa a primeira resposta à inserção de significantes no corpo do sujeito. Daí o objeto *a* passa a ser o suporte mínimo de proteção do sujeito na sua fundação.

O *sujeito*, gerado a partir da linguagem e representado na linguagem, mantém-se, como diria Lacan, em uma “exclusão interna”, por habitar na estrutura simbólica numa heteronomia radical em relação ao *Outro* (Lacan, 1972-1973/1985).

Diante desta condição de habitar na linguagem, o sujeito só pode inferir sua “existência” a partir de seus efeitos discursivos. Efeitos pontuais que não guardam, simplesmente, relações com sua história, mas com algo que vai se relacionando a seus “interesses” singulares.

Para Freud, uma forma de manter enriquecida a teoria do inconsciente, e de certa forma manter certo cientificismo a sua obra, era a diferença entre o que era ontogênese e filogênese, aqui no contexto caberia entender que o *objeto a*, objeto perdido da história do sujeito, pode ser resgatado a qualquer hora nos deslocamentos simbólicos, ou substitutos sucessivos que organiza para si, porém, por trás de todo objeto privilegiado do desejo está, irremediavelmente, a Coisa perdida da espécie humana.

A língua estruturada de Saussure

Saussure entrou para a história com o “corte sincrônico” na linguística diacrônica, ou histórica-comparativista. Este linguista, natural de Genebra, contemporâneo de Freud, mas influenciador de Lacan tratou das questões da linguagem, do discurso (fala) e da língua com uma abordagem inteiramente inusitada e absolutamente rigorosa e séria como exigia o positivismo que dominava o cenário intelectual da época. Considerou a língua como um sistema, uma teia imbricada, da qual cada parte deve e pode ser considerada em solidariedade sincrônica com valores estabelecidos relativa e diferencialmente entre si.

Na sua luta incessante por “decifrar a esfinge”, nasce o CLG, Curso de Linguística Geral³. Saussure então trata de propor uma postulação estrutural do que seria uma língua, cuja estrutura situaria em um plano além da empiria dos fatos da língua. A língua passa a ser um objeto teórico, um conceito, um invento simbólico, que tem como um de seus efeitos, tocar, por mais sutilmente que seja num registro real. Nesse sentido, a invenção saussuriana assemelha-se à freudiana do inconsciente, nos seguintes aspectos: tem um caráter estrutural e conceitual, e é invariável e universal, ao mesmo tempo em que singular e particular em cada sujeito. A língua forçará o pensamento, caótico por natureza, a ser precisa na sua

³ Curso de Linguística Geral - editada a partir das anotações dos alunos de Saussure nos três cursos dados na Universidade de Genebra (Saussure, 1972). Lacan se apropria do algoritmo saussuriano, mas sua apropriação, como todas, guarda caracteres de deformação.

decomposição, pois “nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure, 1972, p. 131).

A linguagem é multiforme e heteróclita, pertence aos domínios individual e social, porém não é natural ao homem, a língua sim é um produto social da faculdade da linguagem.

Para Saussure, a diacronia pode ser associada à fala que é dinâmica, se produz em um determinado espaço de tempo e tem começo, meio e fim é, pois, linear. (CLG:84)

Já a sincronia é estática por excluir o fator tempo. Ao fazer este isolamento do tempo é possível apreciar os fatos co-ocorrentes da língua e analisá-la como uma teia de relações simultâneas num determinado estado.

Falar de Saussure e da linguística neste trabalho importa preferencialmente tratar de dois ícones de seus trabalhos que são inseparáveis: A língua como um sistema de signos e a instalação da Semiologia.

A semiologia é uma ciência geral imprescindível cujo objeto seriam as leis da criação e da transformação dos signos e de seus sentidos, é portanto, parte da psicologia social e, por isso da psicologia geral. A linguística é então apenas parte dessa ciência semiológica mais avançada, o que for descoberto pela semiologia será aplicável pela linguística.

Na instalação da semiologia é importante ler *signos* como “*sistema de signos*”. Para Saussure não há *signos* fora dos sistemas que eles constituem e a sua existência não é a sua evolução no tempo, mas o modo de funcionamento “no seio da via social”. Há dois exemplos de sistemas de signos: os primeiros são derivados de um sistema de signos, o da língua, que se manifestam e outra substância, visível (as letras e o gesto) – escrita e o alfabeto de surdos-mudos, ou seja, o que não é audível (sons da voz). Os três outros exemplos, podendo ainda ser ampliados, são os sistemas de signos não-linguísticos (CLG, p. 80).

A língua é então um objeto da linguística, um sistema de signos específicos – “o mais importante desses sistemas” e, ela própria está integrada à semiologia. É importante diferenciá-la da linguagem. Tal problema é fundamental, não só para o campo teórico de Saussure, mas ainda para a leitura que Lacan faz dele: a tese do “inconsciente estruturado como uma linguagem” (Lacan 1970-71). O problema se instauraria no artigo indefinido destacado. Para Saussure a língua está integrada à linguagem, um produto social e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social. É um todo em si e um princípio de classificação. A esse todo da língua acresce-se a fala, objeto que, de acordo com Lacan, constituirá o não-todo da linguagem saussuriana.

Não cabe, porém confundi-las, visto que a língua é aqui a linguagem menos a fala. Enquanto a língua é essencial e social, a fala é acessória e individual.

O signo saussuriano é uma entidade psíquica constituída de duas faces, um conceito e uma imagem acústica. Daí ocorre uma inovação terminológica e conceitual, substituir conceito por significado e imagem acústica por significante. Aqui ressaltando que as marcas substanciais próprias se perdem, por exemplo, o adjetivo acústico não é a substância física do som, mas a sua “marca psíquica”. O *signo* é definido como a “totalidade” constituída pela associação do significante e do significado, e por ausência de um vocábulo melhor, manteve-se este. Na estrutura esquemática de Saussure, o significado fica acima do significante, embora, para o genebrino, a posição possa facilmente se inverter. Quando Lacan apresenta o “algoritmo do signo saussuriano” e inverte o esquema, não indiferentemente: coloca invariavelmente o S (*sic*, maiúsculo e redondo) do significante acima do s (*sic*, minúsculo e itálico) do significado. (Roudinesco, na sua detalhada biografia de Lacan, afirma ser de Michel Foucault a primeira referência a uma filosofia engendrada a partir do Curso de Linguística Geral. A referência foi realizada na aula inaugural no Collège de France 11. Segundo a autora, Lacan entendera o recado e passara a teorizar de modo lógico o vínculo entre o sujeito e o significante). Ao subverter o signo saussureano, que era uma estrutura de exclusão do sujeito, já que o homem era falado pela linguagem, toma este significante como o que representa, já incluindo, este Sujeito para outro significante. Logo, vai inverter o algoritmo saussureano e dizê-lo S/s (significante/significado). Assim, Lacan apropriou-se abduktivamente da linguística para inverter a sua máxima, ou seja, que o Inconsciente era condição da linguagem e o fez ao propor como efeito de Real incidente sobre a linguagem, enquanto condição do Inconsciente, a histericização da linguagem, por isto fundada, a seu juízo, por uma *Verneinung*, enquanto juízo de existência, por uma denegação, já que se para ele só há Inconsciente no ser que fala, a linguagem é a sua verdadeira condição e é a denegação que o faz falar. Aplica os efeitos do conceito de denegação à tópica do Pré-consciente e conclui pela histericização da linguagem, dita “lingüisterie” – conceito retomado no próximo tópico. (LACAN, 1998, p. 500)

Voltando a Saussure, o signo é regido por dois “princípios”: a “arbitrariedade do signo” e o “caráter linear do significante”. Duas condições mantidas com diferentes propósitos em Lacan. Levando em conta meramente a face do significante, impossível para Saussure, que trata da totalidade do signo.

É entre as duas faces do signo que se dá a arbitrariedade, na “concordância interior” recorrendo a outras línguas para explicar que o significado é o mesmo embora os significantes sejam diferentes, o que contraria a própria posição defendida por Saussure explicitamente: afastar a língua como “nomenclatura”, pressupõe ideias já constituídas, preexistentes às palavras. A argumentação é passar a arbitrariedade do significante e o significado para o signo e o referente. Um exemplo é o signo linguístico “legal”: sua imagem acústica (significante), ou seu conjunto de letras associadas a determinados sons, é a mesma, quer seu conceito seja “o que segue a lei”, quer seja a gíria “agradável”. Houve, portanto, uma flutuação de sentido. Saussure não seria ingênuo de ignorar esse fato – dos mais comuns e corriqueiros nas línguas naturais faladas.

Para Edouard Pichon (1937, artigo “La Linguistique em France: problèmes et méthodes”) o erro de Saussure foi trocar o significado de uma ideia geral pelo objeto, ou pela imagem sensorial. O isomorfismo necessário do significado e do referente explica a derrapagem que faz Saussure escorregar – e Lacan depois dele, e Santo Agostinho antes dos dois – passam da referência virtual – “a significação léxica”, isto é, o significado – para a referência atual – a que permite ao signo designar a “coisa” (Lacan 1989, p.336)

A decisão por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. O vínculo entre ideia e som é radicalmente arbitrário e, neste caso faz-nos compreender a importância do fato social que pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer valores, cuja razão de ser está no consenso do uso: o indivíduo é incapaz de fixar sozinho um valor que seja.

Como já foi mencionada, a linguagem impõe uma linearidade ao pensamento que provoca certos constrangimentos. Ora, o pensamento é caótico, criativo, desorganizado, nossa fonte de ideias e soluções, através de associações livres e simultâneas, sem causalidade. Mas a língua exige causalidade. Para tornar nosso pensamento conhecido para o ouvinte, é preciso restringi-lo a uma linearidade. É preciso “forçar o encaixe” do pensamento dentro de uma forma que lhe é alheia, o que explica alguns tropeços nossos na fala e na escrita. Essa causalidade não existe no pensamento, tampouco no inconsciente.

A linguagem na psicanálise

Como já foi mencionado, os contemporâneos Freud e Saussure não se conheceram, e, por mais que Freud não tenha desenvolvido uma “teoria da linguagem”, esta permeia toda a sua obra.

Foram nos estados de “absence” (alteração da personalidade acompanhada de confusão) que Anna O. costumava murmurar para Dr. Breuer algumas palavras que pareciam relacionar-se com aquilo que lhe ocupava o pensamento (mais tarde Lacan afirmaria que o inconsciente é estruturado como linguagem) - Freud e Breuer em *Estudos sobre a Histeria* (1895).

O médico tendo colocado a paciente em uma espécie de hipnose, repetia as palavras com a intenção de que a moça fizesse associações com outras ideias e que se manifestasse acerca do que, de fato, “traía” na escolha daquelas palavras isoladas (significantes). Tal encaminhamento chegava a causar-lhe um bem estar. Foi então que a lendária paciente nomeou o procedimento de *talk and cure*, ou de, simplesmente, cura de conversação, ou ainda de *chimney sweeping* (limpeza da chaminé). Este primeiro caso envolve a possibilidade de tratar sintomas físicos pela fala, derivando, quinze anos mais tarde, na Psicanálise (tudo se passa na e pela linguagem) e em uma das primeiras teorias de funcionamento psíquico, a teoria da defesa. Freud se propôs, então, a escutar o saber do recalçamento no histérico, por compreender a “magia” da palavra, que tinha o poder de descartar fenômenos cujo mórbido fundamento se encontrava nos estados psíquicos.

Ao falar da afasia – perda do poder de expressão pela fala, pela escrita ou pela sinalização ou ainda perda da compreensão da palavra – Freud acabou por desenvolver uma teoria da linguagem - 'Interpretação das **Afásias**' (1891).

Em 1891, Freud com trinta e cinco anos escreve uma obra que propõe descrever o “aparelho da linguagem” (Spracheapparat) em um viés crítico à localização física, teoria dominante na época. Em seu trabalho é curioso perceber a separação do ponto de vista psicológico e do ponto de vista fisiológico. É possível até que o pai da psicanálise tivesse se inspirado nesse trabalho para escrever a parte final do artigo “O inconsciente”, justamente por mencionar o esquema hipotético do funcionamento neurológico do aparelho da fala.

Para Arrivé 1994, neste ponto de seu trabalho, Freud apresenta a noção de “representação da palavra” e, por inúmeras vezes em seu texto usará as expressões indistintamente: “palavra” (wort) e “representação da palavra” (wortvorstellung) para designar o mesmo fim. Em Freud, para a psicologia o termo “palavra” é um composto

complexo de elementos acústicos, cenestésicos (conjunto de sensações internas que produzem bem ou mal-estar) e visuais, a unidade de base da função da linguagem. Uma palavra, contudo, adquire seu *significado* ligando-se à representação do objeto – que, por sua vez, é um complexo de associações formado por grande variedade de representações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas e outras. A patologia das perturbações da fala está ligada, em sua extremidade sensorial (por suas imagens sonoras), a representação do objeto.

Há três espécies de perturbação da fala: a) a *afasia verbal*, de primeira ordem, na qual somente são perturbadas as associações entre os elementos separados da representação da palavra; b) a *afasia assimbólica*, de segunda ordem, na qual é perturbada a associação entre a representação da palavra e a representação do objeto; c) a *afasia agnóstica*, de terceira ordem, que ocorre em casos de lesão bilateral, causando perturbações na fala, já que todos os incitamentos ao falar espontâneo provêm do campo das associações de objeto.

O estudo de Freud sobre a afasia foi retomado mais tarde pelo linguista russo Roman Jakobson, em 1963 por ser um estudioso da linguagem e interessado a tudo que a ela se refere – a linguagem em ato, em evolução, em estado nascente e em dissolução (a afasia). Mais detalhes serão apresentados ao longo dessa pesquisa.

Para tanto cabe lembrar que Freud e Breuer na publicação de *Estudos sobre a histeria* (1893-5) utilizavam da hipnose para tal tratamento, porém, a palavra já tinha uma importância preponderante. Foi no artigo “Comunicação preliminar” que reconheceram a importância fundamental da linguagem (1893). Ao descreverem seus casos clínicos, os pacientes histéricos, os que sofrem de reminiscências, tinham sintomas histéricos particulares que desapareciam para sempre com a evocação da lembrança do fato que os provocara e com o despertar da emoção que os acompanhava, isto é, quando se descrevia com detalhes e traduzia a emoção em *palavras*, produzia um resultado positivo no tratamento, porém, se este relato não viesse com a emoção sentida que o fato causou, não funcionaria. O processo psíquico deve remontar à sua origem e ser verbalizado.

Conclui-se que a fundação da psicanálise se dá em uma ligação intrínseca com a linguagem e as pacientes histéricas de Freud. Anna O. pediu para falar ao invés de ser hipnotizada e, desse feito, funda o lugar do analista, convocando a escuta do psicanalista. Mais tarde, cabe lembrar, Lacan cria o neologismo “linguisteria”, numa genial associação que faria da linguística com a histeria, inerente ao discurso do analisando. A “linguisteria” de Lacan tem sua base científica em Saussure e Jakobson, assim como nas teorias do signo da Idade Média. A esse respeito, Porge (2006) esclarece que são científicas, porque estão

apoiadas em uma escrita, a escrita do signo Saussuriano, que Lacan reescreve invertendo-a em S/s, como já mencionado, afim de marcar a primazia do significante sobre o significado.

Nasce a técnica da associação livre ou o desrecalcamento pela fala. Observa-se com este método a fala lacunar, sem a sequência de causalidade esperada na fala comum. Os pacientes usavam uma sintaxe na qual faltavam palavras em razão da impossibilidade de dizer toda a intenção semântica, sobre o seu desejo, enfim.

Metáfora e Metonímia

Entram em vigor mecanismos que regem o funcionamento da linguagem, muito similar ao dos sonhos (traum, em alemão): a condensação (a metáfora) e o deslocamento (a metonímia), tal como descritos na *Interpretação dos sonhos* (1900), Freud revela ao mundo uma instância mental sobre a qual não há controle e afirma que “o homem não é senhor de sua casa”, por estar submetido às leis que regem o inconsciente.

Linguisticamente a metáfora e a metonímia são figuras de linguagem e alvo de interesse do homem desde tempos remotos. Na *Retórica*, Aristóteles (século IV a.C.) descreve o funcionamento dessas figuras, entre outras, produzidas na linguagem.

Tradicionalmente a metáfora consiste em uma comparação subentendida, “condensada”, “resumida”. Atribuem-se características do segundo elemento no primeiro, que só acontecem porque ambos possuem predicados em comum, pontos de interseção reais ou imaginados. No exemplo a seguir: *Meu pensamento é um rio subterrâneo* - Fernando Pessoa, *Poemas Ocultistas* - 1914(?) - há uma comparação entre o pensamento e um rio subterrâneo, dois conjuntos: o conjunto “pensamento” e o conjunto “rio subterrâneo” que nesse caso compartilham atributos imaginados pelo autor e, por conta disso a metáfora é possível. O ponto de interseção é o ponto em que há a condensação de sentido. Um terceiro sentido surge – o silêncio na sua fluidez, talvez, que compartilham – a partir do deslizamento dos sentidos dos dois conjuntos.

Já a metonímia estabelece-se na *contiguidade*, e consiste em tomar “a parte pelo todo” (dizer a mão que balança o berço, ao invés da pessoa que balança...); “o autor pela obra” (Leio muito Machado de Assis); “o continente pelo conteúdo” (beber um copo de...); entre outros. Na verdade, a metonímia faz a palavra que designa “deslizar” de uma parte do objeto para outra, que tem uma designação diferente. Neste caso, por designarem o mesmo objeto com palavras distintas, faz surgir diversos sentidos e associações.

Vale lembrar que, tanto a metáfora, condensamento, quanto a metonímia, deslizamento, acontecem a todo momento na língua, pois a linguagem simbólica prevê que são a base para que o mecanismo (a máquina da linguagem) funcione. A mesma coisa ocorre no sonho. Daí seu aspecto enigmático, muitas vezes absurdo.

Jakobson (referenciar) se refere ao trabalho sobre os sonhos, de Freud, reconhecendo as relações de contiguidade com a transferência metonímica e com a condensação sinedóquica (troca das partes pelo todo) e as relações de similaridade com a identificação e o simbolismo. Em outras palavras, para Jakobson, o desenrolar de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema pode levar a outro tema por similaridade ou por contiguidade.

No primeiro caso, o autor presentifica o processo metafórico, ao passo que a metonímia incidiria sobre o eixo da contiguidade (aproximação de dois signos semelhantes ou não que geram um sentido composto, adjacente). Ao manipular esses dois tipos de conexão – similaridade e contiguidade, em seus dois aspectos – semântico e posicional – por seleção, combinação e hierarquização, um sujeito revela seu estilo pessoal, gostos e preferências verbais. (o que nos será muito útil na terapêutica psicanalítica e no entendimento dos estilos literários dos autores visitados nesse trabalho).

A prevalência de um ou outro desses aspectos revela-se, com excelência na criação poética, de tal sorte que, no Romantismo e na estética simbolista, deparamo-nos com o primado do processo metafórico, enquanto no Realismo há o predomínio da metonímia pelos autores, mediante digressões metonímicas, seguindo a linha das relações de contiguidade, para falar do quadro espaço-temporal que movem os personagens e as intrigas que compõem a atmosfera da narrativa.

Foi mérito de Jakobson relacionar este duplo efeito de linguagem às duas formas propostas por Saussure [1979] em seu Curso de Linguística Geral: A correspondência da combinação à série sintagmática, e a seleção à relação associativa (Saussure observou apenas a segunda relação).

As relações sintagmáticas ocorrem na presença do falante e do ouvinte, no nível do sintagma (da frase), ou seja, qual a capacidade que o falante tem de unir sintagmas (frases, morfemas, palavras)? O que se pode perceber quando algo escapa da produção da fala à revelia do falante, em ausência, fora do sintagma? As relações associativas. Tais associações fogem do controle consciente do falante, o que pode, mnemonicamente, provocar um ato

falho – uma intromissão inconsciente no sintagma, produzindo uma equivocação, riso, constrangimento, mal-estar.

Por não sucumbir à tradicional crença da linearidade da linguagem como o fez Saussure, Jakobson trabalhou o estruturalismo a partir dessa “oposição binária” da fonética que não se relacionava com o acústico ou com o som físico, mas com o som que determina o sentido que distingue a significação das palavras.

Na relação sujeito-linguagem, Jakobson mostrou que estes elementos discretos existiam nas línguas, fazendo parte de um sistema de formalização lógica de oposição: sim/não, mais/menos, dentre outros. Logo, denominou tal fenômeno como “perda da linguagem universal”. Neste sentido, para se adquirir uma condição necessária de fala, não se tratava de uma real aquisição, mas de ocorrência de sucessivas perdas.

Mais tarde, com Halle, Jakobson desenvolveu um estudo clássico sobre afasias, que como uma patologia da linguagem, referem-se às unidades de sentido constituídas por signos, elementos discretos, ligando-se uns aos outros segundo um mesmo sistema lógico de oposições - “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1941). A afasia é, pois, um distúrbio na percepção e expressão da linguagem, uma alteração fundamental da comunicação e da formulação do pensamento e por ter a fala um desvio semântico, fonêmico e morfológico, a compreensão apresenta-se confusa.

Jakobson afirmou que todo signo linguístico implica dois modos de arranjo: a) *combinação*, um signo constituído por outros signos, ou seja, uma unidade linguística serve de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em unidades mais complexas, as unidades linguísticas ligam-se por unidades superiores. b) *seleção* entre termos alternativos que se encontram em um mesmo eixo paradigmático implica a possibilidade de substituir um pelo outro, o que configura, pela disputa de palavras fora do sintagma, por vezes, o equívoco da seleção. Tal evento ilustra a falta de causalidade linear das relações associativas, tal qual o sintagma que é produzido voluntária e conscientemente; seu funcionamento é similar à sequência “a lembra b”.

Nasce a ideia de estruturar a linguagem segundo dois eixos norteadores principais: “pólo metafórico” (*seleção*) e “pólo metonímico” (*combinação*), o que estabilizaria a estrutura do signo linguístico, pois o ato da fala estaria determinado por estas duas operações.

Lacan (1985, p.249) não deixa de se utilizar desta condição elaborada por Jakobson e inscreve o descobrimento do fonema como uma função de pares de opostos, formados por estes elementos discretos da semântica. Sem dúvida também fundamentam essa descoberta de

Freud, que designou a presença e a ausência das fontes subjetivas da função simbólica através do [Fort-Da] (1920 em “Mais além do Princípio do Prazer”).

Pode-se ousar afirmar ainda que Lacan, a partir desta condição, propõe sua definição canônica para o inconsciente: um sistema “estruturado como linguagem” com funcionamento regulado pelo movimento destes dois eixos estabelecidos por Jakobson.

Tal “sistema” fonológico equivale-se às relações de parentesco elaborado pelo pensamento inconsciente. A partir desta leitura estrutural, Lacan afirmou ser possível ampliar a questão do parentesco em um sistema de relações possíveis: de aliança, consanguinidade, de filiação segundo oposições binárias correlativas: positivas ou negativas.

Vale lembrar que o próprio Lacan fez referência explícita à metáfora e à metonímia, de acordo com Jakobson. Na conferência sobre “A instância...”, de 1957, e no seminário de 1977-1978, *O momento de concluir*.

No primeiro ele cita Jakobson como um expoente da linguística moderna e reforça que “as duas vertentes de efeito significante”, obscurecem a “função psicológica”, porém aparecem “luminosas”, em uma análise puramente linguística de duas grandes formas de afasia. Lacan ainda cita as figuras de linguagem: metáfora e metonímia abordadas pelo linguista amigo. E, em resposta às questões interpretativas da fala, afirma que tais mecanismos linguísticos só seriam eficazes psicanaliticamente se exercessem a função de outra coisa com a qual se unem estritamente o som e o sentido. É nessa hora e só nessa hora que uma interpretação precisa desmancha um sintoma em que a verdade se especifica em ser poética.

A metáfora e a metonímia lacanianas

Ainda em seu seminário sobre as psicoses, Lacan (Seminário 3, 1955-1956/1985) torna mais explícitas as noções que se desenvolvem a respeito dessas duas modalidades do funcionamento do inconsciente. A metonímia seria a forma retórica oposta da metáfora e que ao nível do nome, substitui alguma coisa que tem a função de nomear. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou ainda com o que está em conexão. Nesta proposição lacanianas, estas estratégias do inconsciente equivalem totalmente aos eixos de similaridade e contiguidade, mas a metonímia é, de fato, uma substituição.

Ao utilizar-se de uma oração do autor francês Victor Hugo, *Seu feixe não era avaro nem odiento*, para introduzir a metáfora, utilizou-se da familiaridade de termos, que segundo

alguns retóricos, produz o efeito metafórico. Sem contar que em sua retórica do inconsciente: “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan(1957) usa uma passagem que demonstra a conformidade com a teoria de Saussure e Jakobson sobre a metáfora citando que a centelha que cria a metáfora, não acontece apenas de duas imagens, ou dois significantes “atualizados”, mas de dois significantes que podem substituir um ao outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.

Ainda sobre as psicoses Lacan empregou outro tipo de metáfora, aquela que é designada pelos retóricos e totalmente distanciada da substituição, mas em justaposição. *O amor é um calhau rindo no sol* é metafórico incontestavelmente, pois comporta um sentido (LACAN, 1985, p. 257-258). Ou ainda quando se refere à metáfora moderna em “*O amor é um seixo rindo ao sol*” aludindo à justaposição que corresponde à manutenção dos dois termos: “amor” e “seixo” na cadeia significante que, de nenhuma maneira se substituem. Desta feita, prova que há um desdobramento de metáfora, mas que não denomina efetivamente.

Aproveitando a produção lacaniana para demonstrar certas estratégias da língua, é que de acordo com a proposição de Jakobson, recorre a dois outros exemplos de metáfora e metonímia no seu seminário sobre desejo e interpretação, de 1958-1959. Propõe a indução de palavras por experiências vividas. Uma palavra virá em companhia de uma outra que, em razão de uma vivência obtida anteriormente, a evocará. O exemplo foi “cereja” em evidência à palavra “mesa”, pois essa relação de contiguidade ocorreu em tal dia em que havia cerejas sobre a mesa. Ou ainda traçar uma relação com lábios, visto que tanto a cereja quanto o lábio são vermelhos. Daí a referência metonímica aplicada, como o próprio Lacan afirma, em usos diferentes.

Os Sintomas metáfora e metonímia

Sendo a neurose uma “questão fechada” para o sujeito, mas organizada, estruturada como questão, os sintomas seriam elementos vivos articulados à revelia ou sem a escolha desse sujeito, por ignorar a sua implicação. Frequentemente é ele próprio um elemento dela, podendo situar-se, como propõe Lacan, em alguns estágios dos quais são citados o nível elementar, quase alfabético, ou ainda em um nível mais elevado, sintático, nível esse que

permite falar sobre a função metafórica e função metonímica, as duas grandes vertentes da articulação da linguagem, de acordo com alguns expoentes linguistas.

No seminário sobre a angústia recomenda a horizontalidade do trabalho: o sintoma é metáfora, mas também metonímia (1962-1963). O sintoma traz uma metáfora líquida “é o vazamento da torneira”. Ao comentar o caso Dora sob esse prisma, afirma que o sintoma de gravidez é uma metáfora, na medida em que Dora, após o rompimento com o Sr. K., encontra neste sintoma a possibilidade de união com o que o autor designa de lei das trocas simbólicas. A última possibilidade de permanecer ligada ao Sr. K.

No seminário sobre a transferência de 1960-1961, situa a metonímia como suporte do sintoma obsessivo, pois o deslizamento processa-se de modo que um significante associa-se, na experiência, uma série de outros significantes, “infinitezando-se”, podendo encontrar seu ponto final em uma significação inconsciente.

A exemplo desse sintoma metonímico, Lacan cita Freud em o homem dos ratos (1909). Ao rebatizar Ernst Lanzer de Rattenmann, no plural, Freud aborda pela primeira vez uma espécie de visão interna da estrutura do desejo, naquele *horror*, captado em seu rosto, *de um gozo ignorado*, de “um rato que prossegue sua corrida de forma multiplicada” - seminário sobre a transferência (1960-1961), Lacan (1992), mostra que na economia ocorrem as trocas singulares, as substituições, esclarece a metonímia sintomática do obsessivo como um exemplo encarnado.

À medida que a criação metafórica não é bem-sucedida, surgem o que Lacan intitulou de “destroços do objeto metonímico”, no caso do exemplo do chiste *familiário* (Freud, 1905). Particularmente importante toda vez que lidamos com uma formação do inconsciente.

Lacan quis demonstrar que não existe objeto *a*, a não ser metonímico, pois a partir da lógica que o objeto do desejo é objeto do desejo do Outro, e sendo o próprio desejo o desejo de Outra coisa, precisamente daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado. Da mesma forma, não existe sentido senão metafórico, no sentido da substituição de um significante por outro significante.

No seminário que dedica a Joyce (1975-1976), Lacan desloca sua concepção de sintoma, como metáfora significante que se oferece à decifração em análise, para concebê-lo em relação ao real do inconsciente, na conjunção entre letra e gozo. O romance é o testemunho de que Joyce, ao mesmo tempo em que renega o pai, permanece enraizado nele; este é, para Lacan, o seu sintoma. Nele, a linguagem se compõe e se decompõe na farta

produção de neologismos e a leitura torna-se possível somente porque se pode pressentir o gozo de quem escreveu.

Capítulo 2

A LITERATURA E A PSICANÁLISE

“Arte Literária é a mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra” – Aristóteles

O conceito clássico da mimese, ou imitação da realidade, postulado pelo filósofo grego Aristóteles no século IV a.C., constituiu o ponto de referência central de toda a produção literária até o Romantismo, cujas ideias também se devem às contribuições de pensadores como J. G. von Herder e Wilhelm von Humboldt. Para o filósofo grego, só é obra literária a que imita ou "recria" a realidade. Não se trata, evidentemente, apenas de reprodução servil ou simples cópia da realidade. Trata-se, antes, de imitação, de representação construída pelo autor, de apresentação da realidade segundo a maneira de ver do autor. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição, a condição humana. A Arte Literária consiste na realização dos preceitos estéticos da invenção, da disposição e da elocução.

Qual haveria de ser a ligação, então, entre a literatura e a psicanálise? Ora, quando um autor, um escritor escreve, ele sublima suas pulsões atendendo ao desejo das expressões. Brincar com a palavra, fazer dela seu instrumento e seu objeto é mostrar-se por seu intermédio.

Pela livre associação e expressão do inconsciente, o que é escrito desperta o imaginário no leitor e transcende. Ao deliciar-se com um romance, um poema ou qualquer outra forma de manifestação literária, o leitor mais atento buscará nas entrelinhas das palavras escritas aquelas que não foram ditas, assemelhando-se ao analista que pinça os significantes nas histórias de vida que lhe são contadas, captando o que não está no enunciado.

James Joyce não falou, ele escreveu, e a psicanálise é essencialmente uma práxis fundada na fala. Isso não significa que não se possa tomar textos – literários ou não – para análise e/ou como esteio para avanços teóricos, como fez Freud. O Presidente Schreber não foi paciente de Freud, mas foi a análise de seu livro de memórias que permitiu que ele formulasse a noção de delírio como tentativa de cura, fundamental para a teoria da psicose. Lacan, ao fazer de alguns textos literários objeto de suas elucubrações⁴, tomou o cuidado de dizer que não se tratava de uma aplicação da psicanálise à arte, que sempre recusou, mas, inversamente, de uma aplicação da arte à psicanálise, uma vez que o artista sempre precede o psicanalista e lhe abre os caminhos.

Freud reconheceu a importância da literatura, pois foi ela que antecipou e confirmou as descobertas da clínica psicanalítica. A literatura antecedeu à psicanálise e constituiu-se dela a partir de mitos gregos como na tragédia de Sófocles, instaurando seu conceito-chave, Complexo de Édipo. Freud procurou interpretar autores e descobrir qual a fonte de suas inspirações que era capaz de despertar tantas emoções por nós desconhecidas. Shakespeare, Goethe, Dostoiévski e Hoffmann são alguns dos tantos literatos clássicos visitados pelo mestre austríaco.

Também se pode propor um diálogo fecundo da psicanálise com a arte de escrever machadiana. Machado de Assis, o gênio nacional que inaugurou a literatura tipicamente brasileira no gênero narrativo do conto que, segundo Afrânio Coutinho, deu uma especial atenção a temas como o sentimento trágico da existência, o pensamento pessimista e a inquietação metafísica, assim como questões que giram em torno da morte e da vida.

Com a intenção de ilustrar este trabalho, ousei analisar, dentre outras obras de Machado de Assis, o conto *O Espelho*.

O conto inicia com cinco personagens e quatro debatedores amigos tecendo conjecturas sobre “coisas metafísicas” e “os mais árduos problemas do universo”. Desafiado a tomar parte do entrave existencialista, Jacobina (nome do personagem protagonista) relata-lhes um fato acontecido com ele próprio aos 25 anos de idade. Tal feito ocorreu a partir da necessidade de também provar-lhes que não existe apenas uma “alma”, mas duas.

Posto em xeque, Jacobina contou-lhes a história de que, na idade mencionada, fora nomeado alferes da Guarda Nacional. Passou, a partir daquela data, a ser tratado por “meu alferes” pela mãe e “senhor alferes” pelos demais membros da família e empregados, posto o orgulho de todos e a inveja de alguns, tal efeito de função. Havia neste significante algo de identificação e recalçamento da sua verdadeira identidade.

Foi então, a convite da tia, ter com ela em sua fazenda. Ao chegar, foi tratado com honraria pela própria parente e pelos empregados, escravos, que lá se encontravam. Recebe em seu quarto a peça mais nobre da casa, um espelho, herança da mãe da madrinha da tia que datava 1808, e que veio da corte com D. João VI.

Movida por forças maiores, a tia se ausenta da fazenda e, mais tarde, os escravos fogem, deixando o protagonista em total solidão e desamparo. Frente ao espelho, desesperado, não se reconhece, não se vê, até que um dia resolve vestir a farda de alferes.

Já no título do conto somos remetidos à questão da imagem: como nos olhamos e como somos olhados. Como nos diz Lacan: “eu só vejo de um ponto, mas em minha existência, sou olhado de toda parte.”

Na sua narrativa é Jacobina quem afirma: “*Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...*” [...] “*Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.*” (M. Assis,1882). Podemos visualizar a presença de um Outro representado pela alma exterior e, talvez, a alma interior fosse o Sujeito do inconsciente. Na narrativa constatamos um sujeito dividido.

Curioso também é perceber que Machado em sua metáfora: “... *A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina.*” prova que aquele mesmo que fora abandonado na fazenda anos atrás, agora, alferes assumido, tem os olhares todos voltados para si, numa metalinguagem própria do estilo machadiano de ordem “psicologizante”.

Percebemos também aqui na narrativa a importância do discurso do Outro materno, quando a mãe já não o reconhece como “meu filho”, mas como “meu alferes”. O significante implica na perda da identidade e prossegue com a tia, suposto prolongamento da mãe. No que o próprio personagem afirma: “*O alferes eliminou o homem*”... E assim continua com o reconhecimento social à posição, ao posto, reforçando o significante. O olhar do Outro projetado na imagem do “*senhor alferes*”.

O abandono, a solidão gera em Jacobina um sentimento estranho de perda, corte, falta, castração. Conforme Lacan, “Na medida em que o olhar, enquanto objeto **a** pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração, e que ele é objeto **a** reduzido... a uma função evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência.” (Os nomes do pai, 20/11/63).

É o personagem quem afirma: “*O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver.*” (Jacobina). A fuga representada pelo

sono trazia-lhe o desejo de ser alguém. Nos momentos de vigília não reconhecia a “*alma interior*”, no conteúdo manifesto no seu sonho voltam o “olhar” e o reconhecimento da “*alma exterior*”. O conteúdo latente traz a vontade de voltar a existir.

Ao vestir a farda de alferes, Jacobina volta a se ver. “*Daí em diante fui outro*”, o que nos remete à ideia de que, agora ele é seu eu ideal, o eu do Outro materno, o eu do Outro social.

O discurso de um paciente, bem como um texto literário, demanda interpretação. Existe o conteúdo manifesto e o conteúdo latente que emergem no dizer do paciente em forma de equívocos, tropeços e até na forma de silêncio. Tal percurso prova o caráter ambíguo das palavras. O analista utiliza-se da psicanálise como instrumento de interpretação do conteúdo inconsciente, como também esta contribui para a análise aprofundada de uma obra literária, pois também é expressão do inconsciente, como já foi mencionado anteriormente.

No texto *O alienista*, também de Machado de Assis, o autor mais uma vez tenta desvendar o “mundo interior” do personagem (sobretudo do principal, Simão Bacamarte) a fim de revelar as aparências do “eu” que está submetido à vida social. Trata-se de certas relações: entre o parecer e o ser, a máscara e o desejo, o mundo obscuro da vida interior, corroborando na aparência do inconsciente.

Como em todos os contos de Machado, nos quais apresenta apenas um conflito, é trabalhado em *O alienista* um tópico singular: as fronteiras entre a razão e a loucura com relação ao poder, usado pelo Simão Bacamarte de acordo com seu interesse e pelo qual iria analisar as aparências do inconsciente de cada habitante de Itaguaí. Liga-se a esse aspecto ao poder interpretativo do alienista que para chegar à conclusão do grau de loucura das pessoas, subdividiu-as em classes. Isso acontece em dois momentos da história: primeiro quando ele afirma no começo do conto: “[...] demarquem definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia”⁴. Com essa definição, Bacamarte chegou a dividir os “loucos” da Casa de Orates (casa de loucos) em “furiosos e mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas”⁵. No final da história chega a um conceito totalmente inverso: “[...] se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele desequilíbrio fosse ininterrupto”⁶. Daí os alienados

⁴ ASSIS, Machado de. **O alienista**. Clássicos Saraiva. São Paulo: Saraiva, 2007, p.22.

⁵ Idem, p.15.

⁶ Idem, p.52.

tendo sido alojados por classes: a galeria dos modestos, a dos tolerantes, dos verídicos, dos simplices, dos leais, sagazes, magnânimos, sinceros, etc.

Ao cabo de cinco meses e meio de total dedicação e perícia por parte do mestre Bacamarte, a Casa Verde se achava vazia. Estavam todos curados. Enganam-se aqueles que acreditam que com isso, o ilustre cientista estaria satisfeito. “Alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria”⁷. Queria ele chegar a última verdade. E após desdobrar logicamente todos os caminhos e descaminhos de suas teorias acerca da patologia cerebral, o mestre Bacamarte “achou em si mesmo as características do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade... Todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto”⁸.

Tal reviravolta na narrativa nos faz elucubrar que tendo o personagem declinado à reitoria da Universidade de Coimbra, a convite do Rei de Portugal, foi atrás de praticar sua medicina em um campo fecundo, mas pouco explorado ainda, a Psiquiatria em uma cidade como Itaguaí. O que de narcísico não tem nessa escolha que possibilite a ele próprio delegar e determinar o que era loucura ou não. Acaba ele mesmo na Casa Verde sozinho com sua “teoria”. Foi o próprio protagonista, eminente cientista, que em confidência a um íntimo boticário informou: “a loucura, objeto de meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”⁹.

Será que a essa afirmação não seria possível uma interpretação sinedóquica, a representação da parte pelo todo, uma forma de projeção nos habitantes da pacata cidade? Ainda sobre esse último ponto, destaca-se a interpretação de Quinet (2006) do personagem principal de conto machadiano. Segundo esse autor, a ciência funciona para Simão Bacamarte como significante (S1), que se apresenta como lugar dominante de seu discurso. Ele é o representante da ciência, seu “emprego único”. E é a partir desse significante que Simão vai criar seus laços sociais, impondo sua ciência a toda a comunidade de Itaguaí. A ciência para ele é definida em seus próprios termos: “a ciência é a ciência”, ou seja, é um S1 que se define a si mesmo. É um significante sozinho. Sendo o alienista aquele que vai dar significação a esse significante, a ciência, colocando-se no seu lugar.

Apesar de dizer que a ciência é uma constante investigação, argumento para a sua ação, o que ele efetivamente faz é projetar seu Imaginário na realidade numa tentativa de, no

⁷ Idem, p.131

⁸ Idem, p.132-3

⁹ Idem, p, 102

final, ele ser coberto de “louros imarcescíveis”, pretendendo assim a glória eterna, o que lhe confere o caráter megalomaníaco ironizado na Pena de Machado de Assis. (QUINET, 2006, p. 113) O que há de verdade na classificação dos loucos por ele proposta?

Há, segundo Quinet, o que Lacan chama de “forclusão da verdade do sujeito pela ciência”, exemplificado ironicamente pela proximidade entre conhecimento paranoico e conhecimento científico. O mundo criado pela razão paranoica de Simão pode tanto ser coerente como ser convincente, “a paranoia é lógica”. E o conhecimento paranoico construído por ele acaba por fazê-lo perseguidor, instaurando o terror através de seus internamentos.

O postulado científico constituía para o personagem uma suplência à forclusão do Nome-do-Pai¹⁰, que desaba quando ele revisa sua teoria, passando ele próprio para o pólo da loucura. Não havendo mais possibilidade de laço social, ele se isola e essa ruptura com a convivência dos homens tem a morte como desfecho. Sua estabilidade era, assim, resultado de sua identificação real com a razão científica.

Conclui o autor:

Machado de Assis, com sua novela crítica e irônica sobre a constituição da psiquiatria, nos mostra a loucura taxionômica do alienista e sua alienação imaginária. Afinal, de que lado está a paranoia: da razão ou da loucura? Machado, como Lacan, nos indica: não há apenas uma loucura paranoica. Temos que tomar cuidado para que esta não invada a psiquiatria atual das classificações, forcluindo a verdade do sujeito. (QUINET, 2006, p. 116)

Poderíamos afirmar que os intertextos tão característicos na obra de Machado de Assis, subjazem não só o gênio, assim proclamado pela Academia Brasileira de Letras, mas a representação da realidade sobre a sua ótica. Um autodidata, mulato que vivia no Brasil do séc. XIX, em plena escravidão, órfão aos 10 anos de mãe, sendo mais tarde criado por sua madrasta, retrata de forma tão significativa a mulher nas suas obras. Bem se sabe que sua esposa, Carolina, era a sua crítica literária fiel e que ninguém além dela teve acesso a rascunhos ou ensaios dos escritos de Machado. Em razão da morte da esposa, o escritor descartou todas as correspondências trocadas entre eles, de modo a não deixar nada a quem não teria razão de conhecer sua intimidade.

¹⁰ No *Seminário 5 - As Formações do Inconsciente*, Lacan (1957- 1958/1999) formaliza o conceito de forclusão do Nome-do-Pai, tal como já vinha desenvolvendo desde o *Seminário 3 - As Psicoses* (Lacan, 1955-1956/1992) e no texto “De uma Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível da Psicose” (Lacan, 1958/1998), quando foi assim nomeado. Nesse último texto, define a forclusão como o mecanismo que estaria na origem da estrutura psicótica - estabelecendo, aí, uma clínica diferencial em relação à neurose, cujo mecanismo fundante é o recalque - e que consistiria na rejeição do significante do Nome-do-Pai para fora do registro do simbólico, sendo esse fracasso da metáfora paterna, essa falha na operação de castração, o que conferiria à psicose sua condição essencial.

O que dizer de Capitolina então? Capitu é a personagem, seguramente, mais conhecida de Machado de Assis. No Romance Dom Casmurro a polêmica se baseia em um suposto adultério que divide a opinião de leitores. A figura feminina de Capitolina, Capitu, é a própria mística encarnada de mulher, devoção ao feminino sob os “olhos” edipianos de Machado.

Capitu é forte, imperiosa e misteriosa, objeto desejado revestido do campo narcísico e alvo de um apaixonado, inseguro e eternamente superprotegido pela mãe, o desejo da mãe que foi recalcado. É Bentinho quem narra a história sem dar voz de defesa a sua musa. Seria o próprio autor quem confere segredos desta real intimidade dos apaixonados? Por que a lacuna deixada pela dúvida é tão mobilizadora? Onde há lacuna os significantes se encadeiam, giram em torno de um objeto que de saída está perdido. O que eles fazem nada mais é do que envelopar, margear, bordejar aquilo que não cessa de não se escrever: o objeto perdido.

A narrativa em *flashback* quer emoldurar uma perda, o tempo perdido. Capitu é objeto de desejo de Bentinho no início da trama, mas instaurado o espectro do ciúme, é depreciada e a dignidade fálica restituída. Promover a impossibilidade do acesso ao objeto de amor, constituindo, assim, uma barreira para ele, é a fórmula obsessiva para intervir na melancolia tão acentuada neste personagem: Dom Casmurro.

Uma mulher que tem o estatuto de *grande Outro* e a dimensão de um sintoma. Em Machado de Assis (1997), isto pode ser constatado, na medida em que o narrador – Dom Casmurro – endereça a Capitu significantes que a constituem como objeto de amor; mais tarde, estes mesmos significantes a transformam em objeto depreciado.

As palavras tecidas pelo narrador concluem seu arco passando pelo Outro (Capitu), já que é no Outro que reside o que aproximamos com a expressão objeto perdido. O que o romance nos demonstra é a necessidade de as palavras girarem em torno desse objeto: elas são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias. Por isso, encontramos uma história estruturada, construída a partir das lembranças, que velam e desvelam a verdade do narrador. É uma procura para recuperar o amor da mãe, o amor da infância com a menina Capitu, a vida com a esposa. O que ele encontra? A falta dele mesmo, fundadora do não-todo, da não-relação sexual.

A dúvida será a questão fundamental de Casmurro, fazendo-se às vezes passar por louco, chegando a convocar o leitor como cúmplice e até mesmo como um possível aliado para sanar sua dúvida. Fazer um semblante de louco é uma das dimensões do que se poderia chamar de *a política do herói moderno*. A leitura imposta pelo narrador é a de que houve um

adultério, é uma leitura cúmplice do narrador para servir a sua própria dúvida. Seus argumentos são persuasivos, mas não devem nos interessar.

O narrador construiu uma fantasia para sustentá-lo. Desta maneira, trata-se de uma narrativa, um romance, uma ficção para alojar uma fantasia de adultério. A consequência é o aparecimento do Outro desejante, ou seja, a mulher passa a ocupar o lugar do Outro desejante.

Freud (apud por Masson, 1986), quando tratou do tema da fantasia em sua correspondência com Wilhelm Fliess, nos alertara para a construção da mesma como equivalentes a fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a recordações.

Em *Dom Casmurro*, o menino protege-se da escolha determinante da mãe – desejo da mãe –, construindo uma fantasia, virtualizando, assim, a realidade concreta. As fantasias passam a possuir realidade psíquica. Se no mundo das neuroses a realidade psíquica é a realidade decisiva, estamos diante de uma equivalência entre verdade e ficção. Logo, a verdade tem a dimensão de ficção. A partir da invenção, de uma suposta mentira, o narrador arquiteta sua ficção. O que nos remete a obra de Shakespeare, Otelo, intertexto de Dom Casmurro, e motivado pelo ciúme a assassinar Desdêmona, sua amada.

Aqui, em Otelo, o ciúme foi plantado pelo invejoso Iago e a fantasia foi realizada. Curioso, e não passa de conjectura, mas o nome de Bentinho era Bento SantIAGO. Seria uma brincadeira de Machado em configurar Bentinho como o próprio sabotador? E o que dizer de DOM Casmurro, um outro jogo lúdico de palavras que pudesse referenciar Dom Quixote, o fidalgo louco, o pobre idealista de Cervantes, o Cavaleiro da Triste Figura, de 1605?

Casmurro é paradoxal. O que ele diz ou faz não corresponde ao que pensa ou quer, fazendo com que o texto dessa obra seja *fachada*, discurso que não é senão do semblante. Casmurro não nos diz o que ele sabe, e todos sabemos que ele é um herói moderno que tem um saber.

Dom Casmurro faz com que constatemos uma posição e uma existência de um não-saber no que concerne ao desejo do Outro, posição na qual o narrador se encontra. Este não-saber apresenta-se formalizado a partir da sua dúvida em relação ao objeto de amor de Capitu, ou também em relação à fidelidade da amizade de Escobar para com ele, e até mesmo se o que retorna sob a forma de lembranças tem uma equivalência ao vivido. O narrador chega ao ponto de intitular um dos seus capítulos com a palavra *cismado*.

Digamos que se Dom Casmurro sabe o que Édipo não sabia, é preciso, por outro lado, sublinhar que ele preferiria não saber, pois quer saber muito menos do que sabe.

No romance de Machado de Assis (1997), percebemos que é o Outro quem sabe. O narrador não sabia. Tudo isso podemos afirmar, tendo em vista a própria narrativa, quando o narrador afirma jamais ter recuperado sua identidade a partir das lembranças: “Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo”.

Há uma aposta que vai para além da editorial sobre a função da escritura em versos que fundamenta uma assertiva de que em todos os tempos e em todos os povos, por mais precário contato que tenham com a linguagem escrita, por mais que pertençam a diferentes classes sociais, e nas mais diferentes línguas existam poetas. Pra exemplificar lembramos os rimadóri, de Creta, dos pyitárides de Chipre; também Bashô, rônin (ex-samurai), inventor do hai-kai e os poetas da literatura de cordel, no Brasil.

Pode-se especular que a expressão humana busca uma forma incomum de manifestação e que acha na poesia e na arte literária um terreno fértil. Ousa-se afirmar que o texto literário é por assim dizer, uma *tradução* que aproxima o leitor de uma coisa e faz uso das palavras como elementos (i) materiais carregados de experiências reais na memória de quem escreve.

Vale a pena citar uma passagem do filme *American Beauty*, onde certo personagem, obcecado por filmar a beleza, apresenta a sua namorada a coisa mais bela que filmara. Passam-se quinze minutos, em tempo de ficção da filmagem; a cena registra a imagem de um saco de papel bailando num redemoinho de vento. Ele traduz da observação das coisas, a percepção/impressão da beleza que há no mundo, de modo que, essa beleza nas coisas (imperceptível ao olhar descuidado) poderia tornar-se insuportável a ponto de fazer-lhe sentir o coração prestes a explodir. Leiamos que, ao homem é impossível e necessário tal não-percepção dessa belezanaturezaverdade, que o discurso poético sabe tão bem como aludir.

Uma beleza que quem conhecer morre. Uma beleza além das possibilidades de conhecimento, de tradução no uso comum da palavra. Uma beleza que se esconde na realidade/natureza, como a verdade para os pré-socráticos filósofos/poetas gregos Parmênides e Heráclito. Mas, não seria assim até hoje, nesse mundo de *semblants* ?

Aqui é necessário pelo menos um ligeiro apontamento sobre o ensinamento de Lacan em "Lituraterre", onde ele formula o "significante como o semblant por excelência", JL- De um discurso... p. 117, sendo a letra, possibilidade de ruptura desse semblant. Porém, qual a utilidade dessa formulação para os dois campos/experiências aqui tratados, senão a que, na experiência da análise, o efeito do inconsciente na letra, apontaria a via de um discurso sem

palavras, discurso do analista que tem o objeto como causa. Além do fato de Lacan aludir em alguns momentos de seu ensino, à análise como uma escritura.

Do lado da poética, a possibilidade de instauração de um fato não-verbal na escritura, além das palavras, seria uma possível e interessante leitura da discurso sem palavras que instaura o analista. Uma vez advertido de tal possibilidade, poderia o poeta colher dessa dimensão não-verbal também no real/realidade, a matéria-prima da poesia.

Porém, existiria uma pluralidade de motivos, cuja variedade e intensidade conduziriam a, mais que uma necessidade de registro, de transmissão: "há tanta beleza no mundo que sinto que, em alguns momentos, posso vê-la de uma vez, é insuportável; sinto como se meu coração fosse sucumbir/explodir." A beleza das coisas ordinárias, como um saco de papel girando num redemoinho de vento.

A dimensão não-verbal concretiza-se, exemplarmente, desde o fim do sec. XVIII, e é nesta época que com a obra "Lance de Dados", de Mallarmé (1842-1898), sob o *zeitgeist* da Revolução Francesa e a "liberdade" dada a todo e qualquer cidadão e, em especial aqui, ao poeta, que sai do "engessamento convencional" e materializa o seu real ao tratar as letras e as palavras, a diagramação manifesta a expressividade, onde a significação da letra na página, concorre ainda para um reforçamento da ideia geral que o poema transmite. Nem por tratar a palavra como matéria, o poeta abole o acaso; na verdade, o grande tema de Mallarmé. Mallarmé, na definição de Lacan, faria "uma literatura de vanguarda que não se sustentava do semblant. Como o discurso do analista que também não se emite do semblant". Lacan, J. De um discurso que não seria do semblant. Seminário de 1971. Publicação Interna da Associação Freudiana Internacional, Centro de estudos Freudianos de Recife.

Ao trazer a imagem para mais perto do leitor, Mallarmé descobre o poder da condensação. Sua poesia apresenta uma cena que contém várias outras e no trabalho minimalista com a letra, inclui a condensação no rol da técnica da escritura, pois diz de vários modos, vários sentidos e de uma só vez.

Mantendo a função da letra evidenciada em movimentos que se destacam como margem, borda, litoral entre o gozo (na escritura) e o saber antecipado no escrito. Uma construção anticonvencional que apoia a palavra, a letra no máximo de imagem, como que por mágica, conforme definição de holófrase feita pelo próprio poeta, Mallarmé.

Entre as palavras e as imagens, o real; real do mundo "feito de pulsões, tal como da mesma forma se afigura o vazio" (p 118).

A intencionalidade na arte poética, tecnicamente, possibilita uma construção literal, que delinea a experiência entre o gozo do mundo pulsional, mundo das paixões, ordenado na própria estrutura do poema, ou de uma construção pela via do semblant ou dos significantes-*nuvem*, conforme exemplifica ainda no mesmo seminário, a dimensão do semblant como *significante*, ideia que ele teria desenvolvido a partir de Aristófanes "... nuvens de ouro que literalmente tapam, escondem toda uma parte das cenas que se desenrolam nos lugares, lugares que são coisas que se desenrolam num outro sentido". (p. 117).

A partir dos estudos de Jakobson e a leitura lacaniana deste linguista, percebe-se que a prevalência da similaridade ou da contiguidade revela-se, com excelência na criação poética, de tal sorte que, no Romantismo e na estética simbolista, deparamo-nos com o primado do processo metafórico, enquanto no Realismo há o predomínio da metonímia pelos autores, mediante digressões metonímicas, seguindo a linha das relações de contiguidade, para falar do quadro espaço-temporal que movem os personagens e as intrigas que compõem a atmosfera da narrativa, como em Machado de Assis.

Na poesia de Goulart cantada por Wagner, observa-se a fala desse objeto caído buscado e nunca encontrado.

*Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém fundo sem fundo
Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem*



Na poesia de João Cabral de Melo Neto, *O Mar e o Canavial*, depreende-se o que é aprendido e o que é ensinado nas relações interpessoais. O que o canavial ensina ao mar e o que o mar ensina ao canavial? É a pergunta que a psicanálise poderia fazer para a literatura e vice-versa, o que tem uma a “aprender” e a “ensinar” com a outra? Muito. Ao poeta e ao escritor o que importa é escrever, sublimar sua pulsão, atender ao seu desejo de expressão. É brincar com a palavra, fazer dela seu instrumento e seu objeto. Envolver-se pela palavra e comprometer-se com ela e por este intermédio mostrar-se. Ora, não é isso que a psicanálise quer? Não é exatamente esse o seu interesse?

Por ser uma manifestação do inconsciente, despertar da livre associação e por instigar o imaginário do leitor, a literatura não é apenas uma forma de se viajar no imaginário, não é puro diletantismo para quem lê e aprecia o valor estético, mas também é algo que instiga e aguça a curiosidade dos mais atentos. Todo aquele que se delicia com um poema, um conto,

um romance, ou qualquer outra manifestação literária, pode buscar no não-dito a interpretação precisa, assim como um analista atento que pinça significantes da história de vida contada aquilo que não é enunciado.

Para concluir afirmo que a relação entre a literatura e a psicanálise é história de amor. Aquela que se pretende eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Faço das minhas últimas considerações as palavras inspiradoras do poeta espanhol Octávio Paz:

Não há cores nem sons em si, desprovidos de significação: tocados pela mão do homem, mudam de natureza e penetram no mundo das obras. E todas as obras desembocam na significação; aquilo que o homem toca se tingem de intencionalidade: é um ir em direção a... O mundo do homem é o mundo do sentido. Toleram a ambiguidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical de gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação erótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem.

NOTAS:

* Na Carta sobre o Humanismo, texto no qual Heidegger dá testemunho público da viragem por que passara seu pensamento ao longo dos anos 30 e início dos anos 40, se afirma que o pensamento perfaz a relação do ser para com a essência do homem, isto é, que é no pensamento meditativo, não calculador, que o ser vem à linguagem; esta, por sua vez, é concebida a partir de agora como a “casa do ser”.

“Das Ding é o que - no ponto inicial da organização do mundo no psiquismo, lógica e cronologicamente se apresenta, e se isola, como o termo de estranho em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung* que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer vinculado ao funcionamento neurônico. É em torno desse das Ding que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem visto que o processo simbólico mostra-se aí inextrincavelmente tramado. (...) Das Ding deve, com efeito, ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência de reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto. (...) esse objeto ,pois trata trata-se de reencontrar, nós o qualificamos de objeto perdido. Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo.” (Lacan, 1959-1960/1997, p. 76)

Lacan descarta a concepção saussuriana de signo e elabora uma teoria do significante, que tem como ponto de partida o seguinte algoritmo: S/s. O próprio Lacan indica a leitura que deve ser feita do seu algoritmo: "significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas" (LACAN, 1998, p. 500). Levar em conta esse traço, dando-lhe valor de barra, implica privilegiar a pura função do significante em detrimento da ordem do significado. Significa que estrutura do significante se caracteriza pela *articulação* e pela introdução da *diferença* que funda os diferentes. Uma série de consequências é produzida, separando os campos da linguística e da psicanálise.

REFERÊNCIAS:

- ARISTÓTELES (trad. 1999). **Poética: Os Pensadores**. São Paulo, SP: Abril.
- ARRIVÉ, M. **Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros**. São Paulo, EDUP, 2001.
- ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: J. ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 807-944. (Obra Completa, v.1).
- ASSIS, Machado de. O alienista. In: **Os melhores contos de Machado de Assis**. 12ª ed. São Paulo: Global Ed., 1997. orge Zahar Editor, 1999.
- ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.
- FOUCAULT, M. L'Ordre du discours. Paris: Gallimard, 1971. - **Arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer**. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Vol. 18* (pp. 13-85). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- FREUD, Sigmund (1900). (E) **Representação por símbolos nos sonhos** – outros sonhos típicos. In: _____. **A interpretação dos sonhos** (1900-1901), v.V. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980. FREUD, Sigmund (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente** (1905), v. VIII. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980.
- HOFFMAN, E. T. A. “**O Homem de Areia**” em *Contos Fantásticos*. Ímago, Rio de Janeiro.
- LACAN, Jacques. **O desejo e sua interpretação**; seminário (1958-1959). Publicação não comercial para circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Indústria Gráfica Metrópole, 2002.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Nora Pessoa Gonçalves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LACAN, J- *Lituraterre*, in De um Discurso Que Não Seria do Semblant. Seminário de 1971. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife- Comissão editorial 1995/1996.
- LAPLANCHE, J., & Pontalis, J.-B. (1992). **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- LONGO, L.(2006). Linguagem e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

- MALLARMÉ, Stéphane- *Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso* – Traduções e Estudos Críticos por Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari. Ed. Perspectiva, 2ª edição, SP, 1974.
- MOREIRA, S. Max- *Uma Palavra*. Texto de 1988. Não publicado.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**. Campinas, Pontes, 2000.
- PAZ, Octávio. *El arco y La lira. El poema, la revelación poética, poesia e historia*. México: FCE, 1972.
- PÊCHEUX, M. *L'analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969. - A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.
- QUINET, Antônio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França; a batalha dos cem anos, v. 2, 1925-1985**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 9ª ed. [1979].
- SOUZA, Aurélio. **Os Discursos na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

ANEXOS

O Espelho, de Machado de Assis

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

- Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjectura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia.

Santa curiosidade! Tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há

pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.

Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte.

Adeus, sobrinho! Adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô

alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! Pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

- Matá-lo?

- Antes assim fosse.

- Coisa pior?

- Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada.

Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes.

Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: Never, for ever! - For ever, never! Confesso-lhes que tive um calafrio: recordeime daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina:

-Never, for ever! - For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita,

ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur

Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne...

Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

- Mas não comia?

- Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava.

Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

- Na verdade, era de enlouquecer.

- Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois.

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me.

Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me...

Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

- Diga.

- Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

- Mas, diga, diga.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o

vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

DOM CASMURRO



Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo.

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro.

UM LANCE DE DADOS*
Stéphane Mallarmé

Jamais

mesmo atirado em circunstâncias eternas

do fundo dum naufrágio

porque
o Abismo

Branco
se expõe
furioso

sob uma inclinação
desesperadamente plana
d' asa

a sua

recaída prévia dum mal de se erguer no voo
cobrindo os impulsos
cortando rente os ímpetos

no âmago se resume

a sombra que se afunda nas profundas nessa alternativa vela

para adaptar
a tal envergadura

as suas horríveis profundas como o arcaboço

duma construção
que balança dum lado
para o outro

(...)

